28º seminário de INVERNO
2 a 6 de junho • 2025
Quatro décadas de formação superior em Jornalismo nos Campos Gerais

O ESPAÇO DA POLÍTICA NAS PÁGINAS DO JORNAL A NOTÍCIA[1]

Rafaela Tzaskos Andrade[2]
Marcelo Engel Bronosky[3]
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

Resumo: O jornal A Notícia começou a circular em abril de 1978 no município de [1]Ponta Grossa. Desde os primeiros meses de circulação, o Jornal apresentava-se promissor em vários aspectos, com o uso de cores, certo esforço em separar a opinião da informação, manchetes, títulos e fotos chamativas e a profissionalização do setor fotográfico (Dal'bosco; Bronosky, 2023). Características que introduzem aspectos modernos até então só vistos em jornais de São Paulo e Rio de Janeiro (Abreu, 2002). O jornal circulou até fevereiro de 1983. Diante deste quadro de mudanças empregado pelo A Notícia, o objetivo da pesquisa procura entender o lugar do conceito de política no impresso e como isso impactava editorialmente o jornal. Dentre os achados nota-se a tentativa de concentrar o segmento de política na página dois das edições. Além da existência de editoriais, coluna opinativa e carta do leitor, o que mostra a intenção de aproximação com o público.

Palavras-chave: Política; opinião; jornal impresso; modernização

INTRODUÇÃO - Contexto histórico e político

O jornal *A Notícia* circulou em Ponta Grossa e região entre 6 de abril de 1978 e 27 de fevereiro de 1983. Fundado pelo jornalista João Nunes Cottar — que também atuou nas sucursais de *O Estado do Paraná* e *Tribuna do Paraná* —, o periódico era editado em formato standard com 12 a 16 páginas. Uma das marcas do jornal era o uso de cores, com predominância do azul nas capas e a presença de imagens (fotos e anúncios) coloridas, especialmente aos domingos e feriados.

---

[1] Artigo apresentado no 28º Seminário de Inverno, realizado entre 2 e 6 de junho de 2025, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

[2] Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, e-mail: rafaelatzaskosandrade@uepg.com

[3] Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio do Sinos (Unisinos) e professor adjunto da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), e-mail: mebrono@gmail.com

O *A Notícia* iniciou e encerrou suas atividades durante o regime militar brasileiro, momento singular na história recente brasileira, tanto para a imprensa quanto para os movimentos de resistência. Durante o período de existência do jornal, o Brasil tinha na presidência os generais Ernesto Geisel (entre 1974 e 1979) e João Figueiredo (entre 1979 a 1985). "Apesar de ter sido oficialmente anulada, a censura de Estado sobre a mídia ainda era utilizada.[...] ela parecia ser uma sombra escondida em todas as redações." (Matos, 2016, p. 49).

Este período foi marcado por fechamento de jornais, empastelamento[2] de edições, perseguições e assassinatos a jornalistas, como no caso do jornalista Vladimir Herzog, preso e morto (Pilagallo, 2012).

Ou seja, a ditadura militar deixou marcas profundas na sociedade brasileira e no jornalismo, que até os dias de hoje são sentidas. Entretanto, mesmo diante de um cenário adverso, o jornalismo procurava sobreviver, particularmente no interior do País, como é o caso do jornal *A Notícia*. Embora seu nascimento não esteja relacionado diretamente ao enfrentamento do Regime, sua postura revela características importantes no modo como ele realizava o jornalismo à época. Tais características podem ser melhor percebidas ao se olhar para a editoria de política.

Como se sabe, o *A Notícia* adotou uma linha editorial liberal, o que o diferenciava dos demais veículos da região (Andrade; Bronosky, 2024). Neste contexto de censura e repressão, o jornal optou por valorizar pautas populares, demonstrando esforços para atingir setores mais amplos da sociedade.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as estratégias editoriais do jornal *A Notícia* na abordagem de conteúdos políticos, com foco na segunda página do

[2] Empastelamento/empastelar: Invadir ou assaltar oficina ou redação de jornal (um grupo organizado, multidão, a polícia, etc.) inutilizando o trabalho que estendo feito ou danificando as máquinas e materiais diversos. Dicionário de Comunicação, 1978, Pág. 179.

periódico. Embora o jornal não possuísse uma estrutura editorial rígidamente definida nos termos dos grandes jornais brasileiros, é possível identificar certa organização sob os efeitos do processo de modernização do jornalismo no Brasil. Tal estrutura revela uma tentativa de adaptação às novas exigências do mercado e ao mesmo tempo um esforço para criar um espaço voltado ao debate de interesse público, com relativa independência (Andrade; Bronosky, 2024).

O jornalismo moderno se caracteriza pela racionalização dos processos de produção, no sentido de ampliar o alcance social da imprensa, sensibilizando o leitor e oferecendo temas de interesse popular, além de buscar a redução do custo por exemplar. Essa lógica se consolidou a partir do chamado *penny press* (ou "imprensa de um centavo"), surgida nos Estados Unidos em meados do século XIX, com o objetivo de tornar os jornais mais acessíveis ao grande público. Essa prática resultou na valorização de conteúdos informativos (Schudson, 2010). No Brasil, a proposta ganhou força a partir da década de 1950, especialmente no Rio de Janeiro, expandindo-se posteriormente para outras capitais e por sequência para as cidades interioranas. A modernização da imprensa nacional incluiu a adoção do *lead*, melhorias gráficas e na qualidade de impressão, além da consolidação da visão do jornal como produto comercial. O processo foi impulsionado pelos investimentos tecnológicos promovidos durante o regime militar, nos anos 1960 (Abreu, 2002).

Não obstante, a relação da imprensa com o regime militar foi profunda e crucial para que a ditadura se concretizasse, especialmente nas suas fases iniciais. Como discutido no livro de Oscar Pilagallo, *História da Imprensa Paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma,* na primeira fase, o golpe recebeu o apoio da grande imprensa, que disseminavam narrativas para justificar a perseguição, como a conspiração contra o *Perigo Escarlate* e a oposição reconhecida como ameaça

comunista. "Em breve, os conspiradores perceberiam que haviam ajudado a parir um regime do qual seriam vítimas" (Pilagallo, 2012, p.169).

Na segunda fase do regime ditatorial, especialmente após o AI-5 em 1969, a censura se torna mais rigorosa e evidente. Setores da grande imprensa começam, de forma tímida, a questionar o regime. Durante esse período, muitos jornais foram fechados, jornalistas foram perseguidos e a tensão entre a mídia e o governo autoritário se intensificou. Surgiram também jornais alternativos e clandestinos que se opunham ao regime, destacando o papel crucial da imprensa na luta pela redemocratização, especialmente a partir da década de 1970 (Pilagallo, 2012).

Na etapa final da ditadura, os grandes veículos da imprensa paulista já se posicionavam pró redemocratização o que influenciou a opinião pública e fortaleceu o movimento democrático exigindo eleições diretas (Pilagallo, 2012).

Um dos maiores exemplos de veículos jornalísticos que defenderam o retorno à democracia no Brasil foi a *Folha de S. Paulo*, que ofereceu ampla cobertura e visibilidade ao movimento *Diretas Já*. “O jornal *Folha de S. Paulo* emergiu como o primeiro grande diário a explicitamente levantar a bandeira a favor das eleições diretas”. (Matos, 2016, p. 49) No livro *Jornalismo e política democrática no Brasil*, a autora Carolina Matos analisa a relação da *Folha* com o mercado e seu posicionamento favorável ao fim do regime civil-militar. Apesar da postura pró-redemocratização, o jornal não se afastou completamente dos interesses comerciais e em certa medida, teve que lidar com as pressões da elite política e econômica do país. A autora questiona se o jornalismo de mercado pode, de fato, ser um aliado fiel da democracia ou se, muitas vezes, ele está mais preocupado com sua sobrevivência financeira e com os interesses de seus proprietários (Matos, 2016).

É no contexto do processo de redemocratização que o jornal ponta-grossense A Notícia atuou e, mesmo se tratando de um veículo regional, foi atravessado pelas tensões entre política, mercado e jornalismo que marcaram outros veículos das grandes capitais. Para a compreensão desta pesquisa é necessário entender que o jornal *A Notícia* se encontrava dentro de um cenário amplo e complexo de transformações políticas e estruturais da imprensa brasileira que melhor podem ser notadas nas páginas de política do jornal.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para viabilizar a pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica centrada na história do jornalismo e em seu papel no processo de redemocratização, assim como na relação da imprensa com agentes e setores emergentes naquele período. O objetivo foi compreender as múltiplas nuances da relação entre imprensa e Estado. A partir desse levantamento, as reflexões se aprofundaram na análise das tensões entre os interesses econômicos e os princípios editoriais no período do regime militar, destacando como a mídia, enquanto indústria, passou a confrontar as diretrizes políticas a partir das exigências do mercado. Também foram discutidas as características da editoria de opinião, com base nos gêneros jornalísticos específicos.

O estudo das práticas jornalísticas ao longo da história — conforme abordado em obras de autores como Oscar Pilagallo (2012) e Jorge Cláudio Ribeiro (1994) — ofereceu subsídios para compreender o funcionamento da imprensa regional no Brasil, com destaque para a imprensa paulista e suas transformações no cenário político e cultural. A reflexão sobre o papel da mídia na formação da opinião pública e na defesa dos valores democráticos foi central nas leituras, revelando as estratégias do jornalismo brasileiro diante das pressões políticas, sociais e econômicas.

Após o levantamento e fichamento das obras selecionadas, iniciou-se análise panorâmica do objeto empírico com o intuito de identificar indícios de manifestações políticas no jornal *A Notícia*. O acesso ao acervo foi viabilizado por meio do Museu Campos Gerais. Nessa etapa, buscou-se reconhecer padrões que possibilitassem uma compreensão mais aprofundada da abordagem política adotada pelo periódico.

Na sequência, foi elaborada a redação do relatório parcial, contemplando inicialmente reflexões sobre o contexto político brasileiro durante o período de circulação do *A Notícia*. Em seguida foi realizada uma análise mais aprofundada e especializada dos conteúdos políticos, em particular publicados na segunda página do jornal A Notícia, para então, concluir a redação do relatório final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO - Editoria de política no A Notícia

No A Notícia, os conteúdos de política ocupavam a página 2, estruturada em torno de textos opinativos, charge, coluna, editorial, carta do leitor, além de alguns conteúdos informativos (notícias, notas e reportagens). Porém, nota-se como os conteúdos relacionados à política também apareciam em outros espaços do jornal, provavelmente por uma necessidade de fechamento das edições.

A página 2 do Jornal de maneira geral traz no canto superior esquerdo uma charge, produzida pela redação e, logo abaixo, a coluna de opinião. À direita, destacam-se os editoriais e textos opinativos, abordando situações do cotidiano político de Ponta Grossa, do estado ou do país. Além disso, em algumas edições, o mesmo espaço também abriga conteúdos provenientes de assessorias, ainda que não sejam identificados expressamente. No canto inferior direito, encontra-se a seção Carta do

Leitor, espaço destinado ao público, em geral tomado por reclamações ou reflexões sobre a realidade do município.

Figura 1 - Página 2 da edição de 30 de janeiro de 1979

Fonte: Acervo Museu Campos Gerais


POLÍTICAS

Ney atende reivindicaçõ somente pela Arena em b

Fala de Figueiredo aumenta o otimismo

Novo regimento

O Leitor

Leite vencido

DE RELANCE Carlos A. Pitangui

A NOTÍCIA

JNC Editora e Assessoria Ltda.

DIRETOR J. NUNES COTTAR

Vendo Avulso - Cr$ 3,00
Assinatura Anual - Cr$ 600,

O prefeito Luiz Carlos Zak, quando recebia o título de Eavaió em Ponta Grossa.

O jornal *A Notícia* segue uma linha liberal e como tal, apresenta conteúdos de caráter multipartidário no contexto político da época, evidenciando seu objetivo de atingir um público leitor diversificado. Essa estratégia amplia o alcance do jornal, o que, por sua vez, favorece o crescimento nas vendas. Assim, pode-se concluir que o jornal utilizou esse recurso para atrair mais leitores e, consequentemente, aumentar seus

lucros. “A informação, além de um bem simbólico, tornou-se um bem econômico, uma mercadoria.” (Abreu, 2002, p. 35).

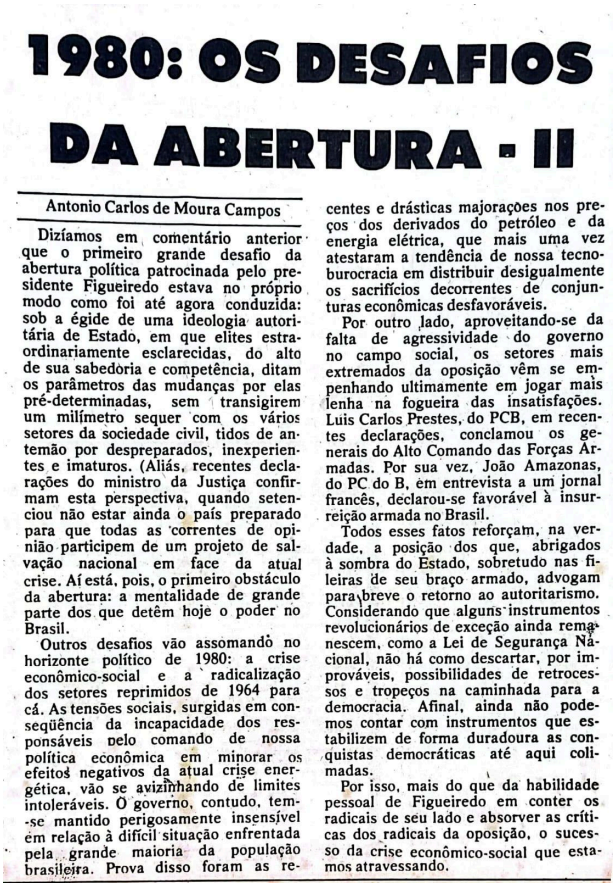
Seguindo essa lógica de mercado, o *A Notícia* explorava as brechas da lenta abertura democrática para dialogar com uma sociedade em transformação, combinando interesse econômico com sinais sutis de liberdade jornalística.

Na época de funcionamento do Jornal, a sociedade brasileira começava a respirar ares democráticos e alguns jornais demonstravam certa independência e autonomia editorial. A resistência da imprensa é marcada como jornalismo possível na ditadura militar e pode ser entendido como a prática jornalística que se manteve viável dentro dessas limitações, buscando, mesmo assim, exercer alguma função crítica e de resistência mascarada, apesar do contexto opressor (Pilagallo, 2012).

Na página 2 do impresso, é possível identificar demonstrações de apoio à redemocratização. Há citações como “Afinal, ainda não podemos contar com instrumentos que estabilizem de forma duradoura as conquistas democráticas até aqui colimadas”, trecho retirado do artigo, Os Desafios da abertura - II, escrito por Antonio Carlos de Moura Campos de janeiro de 1980.

Figura 2 - Texto da página 2 do jornal A Notícia

Fonte: Acervo Museu Campos Gerais



1980: OS DESAFIOS DA ABERTURA - II

Antonio Carlos de Moura Campos

Dizíamos em comentário anterior que o primeiro grande desafio da abertura política patrocinada pelo presidente Figueiredo estava no próprio modo como foi até agora conduzida: sob a égide de uma ideologia autoritária de Estado, em que elites estraordinariamente esclarecidas, do alto de sua sabedoria e competência, ditam os parâmetros das mudanças por elas pré-determinadas, sem transigirem um milímetro sequer com os vários setores da sociedade civil, tidos de antemão por despreparados, inexperientes e imaturos. (Aliás, recentes declarações do ministro da Justiça confirmam esta perspectiva, quando sentenciou não estar ainda o país preparado para que todas as correntes de opinião participem de um projeto de salvação nacional em face da atual crise. Aí está, pois, o primeiro obstáculo da abertura: a mentalidade de grande parte dos que detêm hoje o poder no Brasil.

Outros desafios vão assomando no horizonte político de 1980: a crise econômico-social e a radicalização dos setores reprimidos de 1964 para cá. As tensões sociais, surgidas em conseqüência da incapacidade dos responsáveis pelo comando de nossa política econômica em minorar os efeitos negativos da atual crise energética, vão se avizinhando de limites intoleráveis. O governo, contudo, tem-se mantido perigosamente insensível em relação à difícil situação enfrentada pela grande maioria da população brasileira. Prova disso foram as recentes e drásticas majorações nos preços dos derivados do petróleo e da energia elétrica, que mais uma vez atestaram a tendência de nossa tecnoburocracia em distribuir desigualmente os sacrifícios decorrentes de conjunturas econômicas desfavoráveis.

Por outro lado, aproveitando-se da falta de agressividade do governo no campo social, os setores mais extremados da oposição vêm se empenhando ultimamente em jogar mais lenha na fogueira das insatisfações. Luis Carlos Prestes, do PCB, em recentes declarações, conclamou os generais do Alto Comando das Forças Armadas. Por sua vez, João Amazonas, do PC do B, em entrevista a um jornal francês, declarou-se favorável à insurreição armada no Brasil.

Todos esses fatos reforçam, na verdade, a posição dos que, abrigados à sombra do Estado, sobretudo nas fileiras de seu braço armado, advogam para breve o retorno ao autoritarismo. Considerando que alguns instrumentos revolucionários de exceção ainda remanescem, como a Lei de Segurança Nacional, não há como descartar, por improváveis, possibilidades de retrocessos e tropeços na caminhada para a democracia. Afinal, ainda não podemos contar com instrumentos que estabilizem de forma duradoura as conquistas democráticas até aqui colimadas.

Por isso, mais do que da habilidade pessoal de Figueiredo em conter os radicais de seu lado e absorver as críticas dos radicais da oposição, o sucesso da crise econômico-social que estamos atravessando.

Este artigo é emblemático ao revelar as estratégias do jornal no contexto político e econômico da época ao dar espaço para uma opinião concedente. Destarte a participação do general Figueiredo como sendo o responsável pelo processo de redemocratização, a manifestação pela necessidade de mudar o regime é um reflexo da postura editorial do jornal.

Marques de Melo descreve em *A opinião no jornalismo brasileiro*, como a opinião é construída por meio de uma combinação de vários fatores, como o contexto político, social e cultural, a linguagem e as fontes utilizadas. A opinião não surge apenas da reflexão individual, mas é muitas vezes o resultado de um processo coletivo e da interação com o público. O jornalista, ao emitir sua opinião, também é influenciado pelos discursos que circulam na sociedade, pelos interesses do veículo para o qual trabalha e pela audiência que ele pretende atingir (Melo, 1994).

Um jornal nunca é construído baseado apenas na forma, mas também no conteúdo, que juntos transmitem a mensagem jornalística. Quando o jornal escolhe certos ângulos para contar uma história ou uma narrativa específica, ele está produzindo um sentido que será interpretado pelo leitor. “Desta forma, sob suas duas espécies, o jornal só é um jornal junto com seu leitor: são, cada qual, as duas metades que devem ser reunidas.” (Mouillaud; Porto, 2012, p. 173). O jornal tem um papel ativo no direcionamento da percepção pública, seja pela forma como escolhe contar as histórias ou pelos aspectos visuais que escolhe para apresentá-las.

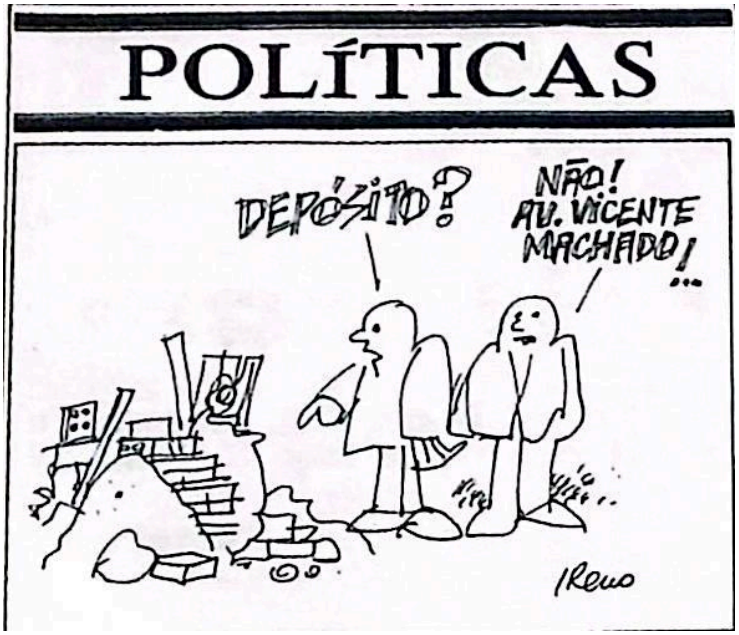
As decisões editoriais são influenciadas por valores ideológicos. ”Todos os dias ocorrem no mundo milhares de eventos. Porque alguns deles são pinçados pela mídia e se transformam em notícia enquanto outros permanecem ignorados?” (Mouillaud; Porto, 2012, p.307). A maneira que escolhem apresentar determinados fatos ao público mostra em partes a ideologia do veículo. “É através da seleção que se aplica na prática a linha editorial. A seleção significa, portanto, a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo.” (Melo, 1994, p. 59).

É possível identificar que o jornal A Notícia testava a cultura do auto policiamento. Nas charges e editoriais produzidos pela equipe do jornal interiorano, também notam-se demonstrações de contradição à gestão municipal e até mesmo ao

governo autoritário, ainda que sutis. “As funções do humor vão desde o puro entretenimento, com o intuito de clarear um pouco o conjunto de textos ditos sérios, à atuação política e ideológica, ao humor engajado que faz rir para refletir e, assim, quebrar a indiferença da opinião pública.” (Amaral, 2008, p. 113).

Figura 3 - Charge da página 2 do jornal A Notícia

Fonte: Acervo Museu Campos Gerais



Apesar de tecer críticas pontuais e discretas à gestão municipal — como exemplificado pela charge mencionada — o jornal mantinha relações estreitas com as autoridades locais e estaduais, especialmente por meio de seu proprietário, João Nunes Cottar. Essas conexões incluíam figuras como o prefeito Luiz Carlos Zuk, filiado ao Partido Democrático Trabalhista (PDT), e o então governador do Paraná, Paulo Pimentel, vinculado ao MDB. Essa proximidade revela uma dimensão mais profunda do veículo, que vai além de sua aparência editorial. “Perpassando essa face visível, existe

uma identidade espiritual, que impregna uma publicação em todas as suas dimensões: histórica, empresarial, industrial, comercial e cultural" (Ribeiro, 1994).

Figura 4 - Fotografia da página 2 do jornal A Notícia

Fonte: Acervo Museu Campos Gerais


Carlos Osternack Postiglione, Luiz Carlos Zak e Oswaldo Antunes Maciel, diretores da Fininvest, os bons amigos da cidade.

CONCLUSÕES

A análise da editoria de política do jornal *A Notícia* revela como um veículo de imprensa do interior do Paraná, mesmo em meio às restrições do regime militar brasileiro, buscou construir um espaço editorial marcado por certa autonomia e pluralidade discursiva. A presença de charges, editoriais, colunas opinativas e cartas dos leitores demonstra um esforço deliberado de promover o engajamento com o público

leitor e em certa medida, contribuir para o fortalecimento do debate político em nível local.

Mesmo submetido às pressões institucionais e à lógica do mercado, *A Notícia* parece ter encontrado brechas para veicular críticas veladas ao regime autoritário, em especial por meio da linguagem indireta. Essas práticas evidenciam aquilo que Oscar Pilagallo definiu como "jornalismo possível" durante a ditadura — uma atuação limitada, mas nem por isso ausente de significado político. A postura liberal do jornal, aliada às suas relações com atores locais e estaduais, indicam um equilíbrio delicado entre a sobrevivência comercial e a tentativa de afirmação editorial.

A pesquisa revela a complexidade de um veículo de imprensa que, apesar de apresentar opiniões e posicionamentos, não se desvinculou das suas relações institucionais e econômicas, as quais influenciaram diretamente suas escolhas editoriais.

Referências

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

DAL'BOSCO, Amanda Bassani; BRONOSKY, Marcelo Engel. **Um estudo das capas do jornal A Notícia entre os anos de 1978 a 1983.** In: Intercom Sul, 2023.

DE ABREU, Alzira Alves. **A modernização da imprensa (1970-2000).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Descobrindo o Brasil).

MATOS, Carolina. **Jornalismo e política democrática no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2016.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1994. (Comunicação de massa).

MELO, José Marques de; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos: teoria e práxis.** Blumenau: Edifurb, 2012.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell. **O jornal: da forma ao sentido.** Brasília: Editora UnB, 2012.

PILAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista.** São Paulo: Três Estrelas, 2012.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre alerta.** São Paulo: Olho d'Água, 1994.

SCHUDSON, Michael. **Descobrindo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos.** Tradução de Maria Stela Gonçalves. Petrópolis: Vozes, 2010.

ANDRADE, Rafaela; BRONOSKY, Marcelo. **O fotojornalismo nas páginas do jornal A Notícia.** [S.l.: s.n.], 2024.